

# *Entre o sexual e o sublime, o desejo: sobre repetição, perfectibilidade e representação em Freud*

BETWEEN THE SEXUAL AND THE SUBLIME, THE DESIRE: ON REPETITION, PERFECTIBILITY AND REPRESENTATION IN FREUD

Pedro Fernandez de Souza\*

Janaina Namba\*\*

## RESUMO

Considerado por Freud em 1900 como a única força motriz do aparelho psíquico, o *desejo* passa a ser um conceito central em seu empreendimento metapsicológico. Pela definição do sonho como a “realização (disfarçada) de um desejo (reprimido)”, evidencia-se que o desejo primeiro tem de ser *reprimido* para, por meio de um *disfarce*, realizar-se oniricamente. Ora, isso implica uma complexidade componente do conceito de desejo em Freud. Visamos, pois, investigá-la. Pudemos definir o desejo em Freud como um conceito marcado pelo negativo: ele é *impossível, indestrutível e infinito*, assumindo a forma de um circuito diuturno no qual o indivíduo busca reaver com perfeição um determinado conjunto de representações. Sendo impossível atingir essa perfeição, o indivíduo parece fadado a contentar-se com uma série de substitutos somente similares ao original buscado. Notamos, porém, que através da *sublimação* o desejo parece ser capaz de atingir uma certa perfeição, embora restrita ao campo da representação.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Desejo; Repetição; Sublimação.

## ABSTRACT

Considered by Freud in 1900 as the only driving force of the psychic apparatus, the desire becomes a central concept in his metapsychological project. By the definition of the dream as a “(disguised) fulfillment of a (repressed) desire”, it becomes evident that a desire must first be *repressed* to, through a *disguise*, be realized onirically. This implies a complexity within Freud’s concept of desire, which we aimed to investigate. We were able to define desire in Freud as a concept marked by the negative: it is *impossible, indestructible* and *infinite*, forming a sempiternal circuit in which the individual seeks to recover with perfection a certain set of representations. This perfection being unachievable, one seems doomed to acquiesce to a series of substitutes only similar to the original sought. We note, however, that through *sublimation* one seems capable of achieving a certain perfection, although restricted to the field of representation.

KEYWORDS: Freud; Desire; Repetition; Sublimation.

---

\* Mestrando em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; FAPESP, Proc. 2018/10320-6; pedrofsouza@gmail.com

\*\* Professora Doutora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; janaina.namba@yahoo.com.br

Ao definir na *Traumdeutung* o sonho como “a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, reprimido)” e ao afirmar, na mesma obra, que “nada além de um desejo é capaz de incitar nosso aparelho anímico ao trabalho”<sup>1</sup> (FREUD, 1900/1999, p. 166 e 572), Freud alçou a primeiro plano a atividade desiderativa dentro de sua teoria. Conceito a um só tempo central e poucas vezes retrabalhado, o *desejo* faz-se quase onipresente nas hipóteses freudianas: ainda que não explicitamente afirmado, ei-lo subentendido enquanto mola ou motor de cada um dos fenômenos analisados pelo pai da psicanálise. Ele é de tal forma basilar para o empreendimento metapsicológico freudiano que Lacan, ao dizer da “descoberta no subsolo” realizada por Freud e à qual corresponde “o advento de uma verdade”, chegou a asseverar que essa verdade “concerne ao desejo”<sup>2</sup> (1960/2005, p. 21).

Mas na definição mesma do sonho já fica claro que, para ser realizado na cena onírica, o desejo primeiramente teve de ser *reprimido* para, em seguida, ter sua concretização *disfarçada*. Dupla negatividade, portanto, que se depreende dessa curta descrição que evocamos: num primeiro tempo o desejo é *negado* (reprimido) para, num segundo tempo, ser realizado a partir de uma segunda *negação* (o disfarce ou a deformação). Donde a seguinte asserção lacaniana: “o desejo não é coisa simples. Ele não

---

1 Der Traum ist die (verkleidete) Erfüllung eines (unterdrückten, verdrängten) Wunsches“, e „...nichts anderes als ein Wunsch unseren seelischen Apparat zur Arbeit anzutreiben vermag“.

2 « Ce qui se passe ici dans les tenèbres a été par Freud subitement éclairé au niveau de la névrose. À cette irruption de la découverte dans le sous-sol a correspondu l'avènement d'une vérité. Celle-ci concerne le désir ».

é nem elementar, nem animal, nem especialmente inferior”<sup>3</sup> (LACAN, 1960/2005, p. 21).

Convém, pois, compreender essa complexidade componente do conceito de desejo em Freud; para tanto, tentaremos captar e descrever as relações que ele entretém com outros conceitos psicanalíticos, tais quais os de pulsão, sublimação e repressão, por exemplo. Dirijamo-nos primeiro aos textos onde Freud melhor define o desejo e cuidemos de precisar-lhe os contornos.

## 1. Pulsão e desejo: repetição e representação

Num primeiro momento, é-nos imprescindível compreender as relações umbilicais entre os conceitos de pulsão e desejo. A pulsão (*Trieb*) é qualificada como um “conceito de base convencional” da teoria psicanalítica por Freud em seu artigo metapsicológico de 1915 (FREUD, 1915a/1999, p. 210). No mesmo texto, a pulsão é descrita como “um conceito-limite (*Grenzbegriff*) entre o somático e o anímico”, como uma “medida de exigência de trabalho que é imposta ao anímico em consequência de sua conexão (*Zusammenhang*) com o corpóreo”<sup>4</sup> (FREUD, 1915a/1999, p. 214). No umbral entre corpo e alma, a pulsão insta o anímico a fazer algo desse montante de estímulos que lhe advém incessantemente de den-

---

3 « Le désir n'est pas chose simple. Il n'est ni élémentaire, ni animal, ni spécialement inférieur ».

4 „...so erscheint uns der „Trieb“ als ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist“.

tro do corpo. Este, sede da estimulação dita interna, é também uma dimensão isenta de representabilidade; dele emergem os estímulos que virão a ser representados (*repräsentiert*) na alma seja por meio de representações ou ideias (*Vorstellungen*), seja por meio de afetos (*Affekte*).

A pulsão é dotada de uma pressão (*Drang*), de uma premência, ela é uma força constante que incita o organismo a apenas um fim: anular ou ao menos apaziguar de prontidão essa estimulação que o atormenta. Donde o fluxo titubeante a que é submetido o organismo desde o seu nascimento: o aumento de estímulos produz nele o *desprazer*, enquanto a sua cessação ou sua descarga origina o seu antônimo, o *prazer*. O princípio mais básico, que governa o funcionamento do aparelho anímico, é então alcunhado *princípio de prazer*: busca pelo prazer e evitação do desprazer, eis o que o organismo em primeiro lugar persegue<sup>5</sup>, e a sua gradual submissão ao princípio de realidade nada mais é que uma digressão ou uma tergiversação do chamado império do prazer (FREUD, 1911/1999). Ao conjunto de tais estimulações advindas do corpo Freud dá o nome de *necessidade corpóreas*, cuja cessação recebe o nome de *satisfação* (FREUD, 1915a/1999, p. 211). A instauração do princípio de realidade representa então uma gradual pedagogia das pulsões, pois que o organismo, acossado por uma energia despótica e intransigente, terá de prorrogar a sua anulação, numa espécie de negociação pulsional.

Fundamental para o desenvolvimento do organismo será, por consequente, aquilo que Freud denomina *vivência de satisfação*. É na *Traum-*  
5 Tal primazia do princípio de prazer será depois revisada por Freud, em 1920, quando ele postulará a existência de uma meta ainda mais basal que a de angariar prazer: a de anular toda a estimulação que aflige o organismo e atingir a própria inexistência (isto é, a morte).

*deutung* que se encontra a sua descrição mais minuciosa, e é então que o *desejo* marcará presença sob a pena freudiana. O recém-nascido é flagelado pelos estímulos internos, pelas necessidades corpóreas. Ele esperneará e gritará, mas de nada adiantará, já que tal estimulação é constante:

Uma mudança só poderá surgir quando, por algum caminho (no caso da criança, através de ajuda alheia), for feita a experiência da *vivência de satisfação* que anula o estímulo interno. Um elemento essencial dessa vivência é a aparição de uma certa percepção (a nutrição, no exemplo), cuja imagem mnêmica permanece, dali em diante, associada ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade (*Bedürfniserregung*). Assim que essa necessidade aparecer uma próxima vez, graças à associação estabelecida se suscitará uma moção psíquica (*eine psychische Regung*) que quererá investir novamente a imagem mnêmica daquela percepção e produzir novamente essa mesma percepção, ou seja, quererá na verdade restabelecer a situação da primeira satisfação. Uma tal moção é aquilo que nós chamamos um desejo (*einen Wunsch*); a reaparição da percepção é a realização do desejo (*Wunscherfüllung*), e o caminho mais curto para a realização do desejo é o que vai desde a excitação produzida pela necessidade até o investimento total da percepção. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico no qual esse caminho se perpetra realmente assim, no qual portanto o desejar se conclui num alucinar. Essa primeira atividade psíquica portanto aponta (*zielt*) para uma *identidade de percepção* (*Wahrnehmungsidetität*), vale dizer, para a repetição (*Wiederholung*) de tal percepção, a qual está associada à satisfação da necessidade (FREUD, 1900/1999, p. 571)<sup>6</sup>.

---

6 „Eine Wendung kann erst eintreten, wenn auf irgendeinem Wege, beim Kinde durch fremde Hilfeleistung, die Erfahrung des *Befriedigungserlebnisses* gemacht wird, das den inneren Reiz aufhebt. Ein wesentlicher Bestandteil dieses Erlebnisses ist das Erscheinen einer gewissen Wahrnehmung (der Nahrung im Beispiel), deren Erinnerungsbild von jetzt an mit der Gedächtnisspur der Bedürfniserregung assoziiert bleibt. Sobald dies Bedürfnis ein nächstesmal auftritt, wird sich, dank der hergestellten Verknüpfung, eine psychische Regung ergeben, welche das Erinnerungsbild jener Wahrnehmung wieder besetzen und die Wahrnehmung selbst wieder hervorrufen, also eigentlich die Situation der ersten Befriedigung wiederherstellen will. Eine solche Regung ist das, was wir einen Wunsch heißen; das Wiedererscheinen der Wahrnehmung ist die Wunscherfüllung, und die volle Besetzung der Wahrnehmung von der Bedürfniserregung her der kürzeste Weg zur Wunscherfüllung.

O desejo, assim, é uma moção, um movimento, uma *Regung* que desponta quando a excitação, a *Erregung* daquela necessidade, outrora satisfeita, se faz novamente presente. O desejo é condicionado, consequentemente, por dois elementos: a atividade pulsional e a realidade material. O nó que une ambos os elementos é a *vivência* de satisfação: por essa vivência uma associação é feita entre uma imagem mnêmica da percepção e a estimulação corporal. O desejo freudiano assoma como uma espécie de circuito, uma espécie de procura pela reapropriação da percepção primária de satisfação. O desejo quer *repetir* essa percepção, ele quer reinvestir *totalmente* a imagem mnêmica dela derivada; o desejo é, pois, uma busca pela *repetição do idêntico* e, mais do que isso, uma repetição *total*.

Como bem expôs Simanke, essa satisfação “será buscada eminentemente na esfera representacional” (2009, p. 44). E essa busca será feita, a princípio, pelo caminho mais curto: o investimento (sensorial, portanto alucinatorio) das representações advindas da vivência de satisfação. A alucinação primária emerge, aqui, como a *experiência do idêntico*, idêntico este que deverá ser abandonado, pois que inútil: alucinar não equivale a reconquistar a satisfação, mas sim a reviver em vão as suas representações. A alucinação representa de certa forma um curto-circuito do princípio de prazer: reativam-se as representações mnêmicas da primeira vivência de satisfação *por conta da premência despótica das pulsões*, que buscam des-

---

Es hindert uns nichts, einen primitiven Zustand des psychischen Apparats anzunehmen, in dem dieser Weg wirklich so begangen wird, das Wünschen also in ein Halluzinieren ausläuft. Diese erste psychische Tätigkeit zielt also auf eine *Wahrnehmungsidentität*, nämlich auf die Wiederholung jener Wahrnehmung, welche mit der Befriedigung des Bedürfnisses verknüpft ist“.

carga instantânea, mas também *por conta da necessidade de descarga* eis que essa mesma alucinação se revela completamente infrutuosa. É por isso que o princípio de prazer deve *necessariamente* ser corrigido pelo princípio de realidade: é preciso *negar* e barrar o investimento energético das imagens mnêmicas, e para isso é preciso torná-las inacessíveis e inconscientes. Donde a necessidade da *repressão* para a sobrevivência do organismo.

A repressão é considerada por Freud como um dos destinos das moções pulsionais e consiste muito basicamente em tornar inconsciente algum amplexo de representações e assim mantê-lo; não podendo fugir da estimulação interna tal qual faz com a estimulação externa, o organismo é obrigado a tramitá-la de algum outro modo: à *Drang* (pressão) da pulsão se contrapõe então a *Verdrängung*, a re-pressão, a pressão contrária que impede que representações mnêmicas advindas das vivências de satisfação ascendam ao consciente. Mas, mais que isso, a repressão consiste num divórcio forçado entre as representações e a energia pulsional a elas dantes aderida – as representações são empurradas ao inconsciente, ao passo que a energia deverá ser tramitada de outra forma (FREUD, 1915b/1999). Um fato mais, porém, é marcante no tocante à representações submetidas à re-pressão: elas nunca deixam de habitar o sistema inconsciente do aparelho psíquico. Em diversos momentos de sua obra Freud insistiu nesse ponto: o reprimido pode passar por alterações, gerar rebentos e de quando em quando ascender à consciência, contudo nem por isso o que foi reprimido esvaecerá em meio a esses processos<sup>7</sup>; as moções pulsionais que houve-

<sup>7</sup> Sobre isso, cf., por exemplo, o trecho em que Freud, em seu *Mal-estar na cultura*, com-

ram de ser reprimidas permanecem imutáveis, às sombras, e o desejo afere então para si o importante caractere de *indestrutível*.

Nós vimos: o desejo, desembocando na alucinação primária, atinge um curto-circuito do funcionamento mais basal do organismo, regido de início pelo princípio de prazer. O desejo é impossível em si mesmo, e por isso há de sobrevir-lhe uma repressão. A repressão é o resultado da impossibilidade imanente da realização total do desejo<sup>8</sup>. O desejo, portanto, está na dimensão do *impossível*. Porém, ademais dessa impossibilidade, com a ocorrência logicamente necessária das repressões o desejo se torna também *proibido* ou *vetado*. Mora e Garcia (2016, p. 75) notaram bem que, se de um lado os desejos são ativados pelas pulsões, de outro lado eles são sempre submetidos à *censura* que separa os sistemas inconsciente e pré-consciente. Donde a necessidade de disfarçar a realização alucinatória do desejo dentro da cena onírica: nesta cena noturna e reclusa, o desejo não atinge mais aquela identidade total por que ele anseia. A alma procede então por deslocamentos e condensações, e o resultado é uma miscelânea confusa, absurda ou mesmo ininteligível de representações.

O desejo é o que põe o aparelho anímico em movimento, é o que o faz trabalhar, no entanto ele não é elementar, como bem descreveu Lacan, já que, por um lado, depende da pulsão e, por outro, do contato do organismo com a realidade material, da qual advém a possibilidade

---

para a alma ao conjunto de ruínas da Roma antiga, demonstrando a dificuldade imane em se representar figurativamente o estado efetivo dos sistemas mnêmicos psíquicos, já que nestes o antigo não é meramente substituído pelo novo, mas permanece intacto e, mais que isso, operante (FREUD, 1930/1999, p. 425-426).

<sup>8</sup> A esse respeito, cf. Mèlich (1988, p. 103).

de satisfazer a uma necessidade corpórea; no desejo se enlaçam *pulsão*, *realidade (material)* e *repressão*. Na realização do desejo se expressam, pois, não só as forças tirânicas das pulsões, mas também a sua *negação*. Se os desejos são *indestrutíveis (unzerstörbare)*, como afirma a última e venusta sentença da *Traumdeutung* (FREUD, 1900/1999, p. 626), eles são também inerentemente *recusados* ou *negados (versagte)*, tal qual se lê no texto sobre Leonardo (FREUD, 1910/1999, p. 199).

No *Além do princípio de prazer*, é a insistência das crianças que emerge enquanto exemplo da procura pelo idêntico inalcançável: elas suplicam pela repetição reiterada de brincadeiras e de histórias, elas exigem de forma inflexível “a identidade da impressão” (*die Identität des Eindruckes*) e requerem, tirânicas, a “repetição, o reencontro da identidade” (*die Wiederholung, das Wiederfinden der Identität*) (FREUD, 1920/1999, p. 36-7). Dez anos antes, em seu texto sobre Leonardo da Vinci, as crianças e suas práticas repetitivas já haviam aparecido, mas desta vez eram suas questões amiudadas o exemplo trabalhado por Freud. Ali, ao tratar das investigações sexuais infantis, ele afirma que “todas essas perguntas são apenas circunlóquios (*Umschweife*)” e que “elas não podem ter nenhum fim, porque a criança quer, através delas, substituir apenas uma pergunta que ela porém não faz” (FREUD, 1910/1999, p. 145)<sup>9</sup>. Aqui, sob o modo da pesquisa intelectual, o desejo assume uma forma assaz ilustrativa: *Schweif*, em alemão, é *cauda*, substantivo este que, com o acréscimo do prefixo *um-* (que denota, entre outras coisas, abrangência e circularidade),

---

9 „...daß alle diese Fragen nur Umschweife sind, und daß sie kein Ende nehmen können, weil das Kind durch sie nur eine Frage ersetzen will, die es doch nicht stellt“

se torna um *circunlóquio*, um *rodeio*. A imagem é mais que expressiva: o desejo é uma cauda que retorna sobre si mesma, e é neste movimentar-se perpétuo e malogrado que o organismo se orienta. A pergunta *real*, a *real* questão cuja solução persegue a criança não é em si mesma posta, e os seus substitutos vão-se enfileirando numa série ininterrupta e monótona. Aqui, além de reprimido e impossível, o desejo é também *infinito*. Assim como as crianças, os desejos jamais se saciam: “o desejo, tal qual o próprio Freud o descreve, revela uma constituição propriamente insaciável”<sup>10</sup> (RICŒUR, 1965/2006, p. 340).

Impossível, indestrutível, infinito: o desejo em Freud recebe antes de tudo a marca do *negativo*, coisa que não ocorre com a pulsão. A pulsão é simples e elementar, situa-se no limiar entre o corpo e a alma e no limite entre o que pode e o que não pode ser representado. O desejo, por seu turno, é em si mesmo *negado* e só existe enquanto espécie de síntese de duas dimensões contrapostas: as exigências pulsionais e a aspereza da realidade material. Como indica Hanns, nele sempre se encontra presente uma relação com um objeto da realidade, e “de forma geral pode-se dizer que o ‘desejo’ circula preponderantemente na esfera representacional, nas regiões do ‘pensamento’, do ‘sonho’, da ‘fantasia’, do ‘idealizado’, do ‘imaginado’, do ‘alucinado’ e da ‘loucura’” (1996, p. 143).

Hanns mostra ainda que o termo alemão *Wunsch* faz referência sobretudo a anseios não imediatos, e que o vocábulo é utilizado como uma espécie de mediador “entre o que o sujeito ‘quer’ e a expressão social

---

10 « Le désir, tel que Freud lui-même le décrit, révèle une constitution proprement insatiable ».

desse ‘querer’ na forma de ‘pedido’” (1996, p. 137). Trata-se mais da formulação social de uma proposição volitiva do que essa vontade mesma, portanto. O termo *desejo*, com que se usa traduzi-lo, dá margem a uma confusão costumeira, mas tanto mais desastrosa: o *Wunsch* alemão *não designa o desejo sexual enquanto tal, ele não exprime o ardor passiona e venéreo ou o apetite carnal e lúbrico*. Ele é muito mais *ameno* do que isso (HANNIS, 1996, p. 138). Com o termo *desejo* (*Wunsch*) Freud se refere à marcha sempiterna do organismo em sua tarefa desde sempre malograda: ele não é ardoroso, pungente, candente ou fervoroso – ele é simplesmente impossível e incontentável.

## 2. O sexual e o sublime

Mas ainda que não conote em princípio a lascívia erótica, o desejo freudiano carrega consigo quase sempre a marca do sexual. Não de qualquer sexual, entretanto, mas sim do *sexual freudiano*, isto é, do sexual ampliado e não mais somente genital e limitado à lógica biológica da reprodução. No célebre trecho de 1905, no primeiro dos *Três ensaios sobre teoria sexual*, Freud conceitua o surgimento da pulsão sexual a partir de seu apoio (*Ahnlenung*) nas funções e pulsões de autoconservação; a pulsão sexual, caracterizada então eminentemente como autoerótica, premeria tão-somente à sua descarga em zonas corporais específicas (as chamadas zonas erógenas) e não seria cerceada no tocante ao seu objeto (FREUD, 1905/1999, p.83). Laplanche (1985) insiste bastante sobre esse ponto, mostrando em que medida a sexualidade humana se afasta do es-

quema instintual, rígido e limitado, ao *derivar* das funções corporais e *desviar-se* rumo às complexidades labirínticas do desejo e da fantasia.

À diferença da pulsão alimentar, por exemplo, os objetos sexuais são extremamente mudáveis: vão de partes do corpo a objetos inanimados, ideias e até mesmo crianças, excrescências e outros animais. A libido desconhece limites objetais. É por isso, por fim, que é a pulsão sexual que se deve reprimir – lê-se em 1915 que no caso das urgências inadiáveis da fome, por exemplo, nada similar a uma repressão pode ser observado (FREUD, 1915b/1999, p. 249). A energia sexual, conclui Freud, é a um só tempo maleável e adesiva: adere aos objetos que lhe passarem pela frente em sua sôfrega busca por prazer, porém em caso de repressão é facilmente redirecionada e desviada para outros objetos e outras representações. É nesse percurso sinuoso, de representação em representação, que o desejo vai poder realizar-se em sonhos e sintomas, por meio dos sucessivos deslocamentos em que a libido é tão exímia. Os sintomas, verdadeira atividade sexual dos doentes, são denominados “satisfações substitutivas” (*Ersatzbefriedigungen*) (FREUD, 1930/1999, p. 466), e o mesmo título poderia ser usado para os sonhos.

Não nos aprofundaremos, porém, na vasta região conceitual que o termo *sexualidade* indica em Freud, mas nos limitaremos a certas particularidades da pulsão sexual intimamente vinculadas ao que vimos expondo sobre o desejo. Dos caracteres negativos do desejo que fizemos sublinhar há pouco, a impossibilidade e a infinitude se ancoram na busca insaciável pela *total repetição do idêntico*. Essa busca ferrenha também se manifesta,

assim nos parece, num aspecto fundamental da pulsão sexual para Freud. Referimo-nos ao fato da *diferença sexual* e à mais importante das suas consequências na dimensão anímica da existência do organismo humano, a saber, o *complexo de castração*.

Nos *Três ensaios*, Freud (1905/1999) postula que a escolha de objeto feita pela libido durante a infância tem uma direção inequívoca: ela é investida nos objetos familiares à criança, que adentra então o famígero triângulo edípico. O pequeno humano ama a mãe e entra numa relação de rivalidade com o pai; eis o polo positivo do complexo de Édipo, que Freud complementa com seu polo negativo mais minuciosamente em outras obras, como por exemplo o caso do Homem dos Lobos (FREUD, 1918 [1914]/1999): também a criança investe a figura paterna de libido, entrando em rivalidade com a mãe. É o complexo de castração que vem iniciar o desfecho dessa situação insustentável para o menino, cujos desejos edípicos nunca serão plenamente satisfeitos na realidade material. Como Freud (1908a/1999) indicou em seu artigo sobre as teorias sexuais infantis, de início as crianças postulam a ubiquidade do pênis: todos os seres humanos o possuiriam sem exceção. A descoberta da sua ausência em garotas e mulheres traria um dos maiores golpes à integridade anímica da criança, cujas reações podem ir desde uma aceitação merencória do fato até uma denegação (*Verleugnung*) e a uma divisão do eu, por exemplo (FREUD, 1938/1999). O importante é que a diferença sexual, fenômeno universal segundo Freud, e imposto pela natureza, demarca um *limite* ao desejo, pois a criança, ao notar ser a mãe “castrada”, conclui logicamente que,

para tornar-se o objeto do amor do pai, deverá também sofrer a mutilação temida; por outro lado, é com a castração que se ameaça a criança em suas práticas onanistas e em sua insistência edípica perante a mãe cobiçada.

Escancara-se assim uma fenda incontornável na vida anímica do organismo humano em decorrência desse binarismo sexual fundador: a completude é, nesse quesito, da ordem do *impossível*, e eis o desejo desejando uma vez mais uma totalidade que não se pode jamais alcançar. A criança quer ocupar duas posições libidinosas ao mesmo tempo, e em sua fantasia ela o realiza com brio e orgulho: ser homem *e* mulher, *fazer* um filho na mãe e *gerar* um filho do pai. O complexo de castração assoma aqui, então, como a marca *princeps* da interdição logicamente necessária a essa ânsia por totalidade inerente ao desejo. A castração é não somente punição, mas também a medida primeira que se cobra do animal humano pela sua potência de amar e desejar: “a castração é terrível tanto enquanto castigo quanto enquanto preço do amor”<sup>11</sup> (FREUD, 1928/1999, p. 407), lê-se no texto de Freud sobre Dostoievski. A castração, marca da inerente diferença sexual, é o preço do amor: o amor não é de graça e há de causar algum prejuízo a quem ama; ele é pago, por fim, com a própria impossibilidade da *totalidade almejada pelo amor*.

Circunscrito ao âmbito sexual, o desejo permanece refém de mais uma impossibilidade incorrigível. Tendo infalivelmente de ser suprimidas, as moções edípicas serão submetidas à repressão e servirão de molde para as futuras escolhas objetais do indivíduo em questão. Encurraladas sob a égide da repressão, em casos patológicos são esses desejos que

11 „Die Kastration ist schrecklich, sowohl als Strafe wie auch als Preis der Liebe“.

forçarão o ingresso na consciência e o perfarão sob a forma de sintomas e inibições, por exemplo. Mais uma vez deparamos com uma dimensão incontentável e impossível do desejo. Há uma vicissitude da pulsão, contudo, que revela ser capaz de escapar a essa lógica. Trata-se da sublimação.

Ao lado da transformação no contrário, do retorno à própria pessoa e da repressão, a sublimação é caracterizada em 1915 como um dos quatro possíveis destinos da pulsão (FREUD, 1915a/1999, p. 219). Mas já dez anos antes, nos *Três ensaios*, ela fora apresentada e descrita. “O historiadores da cultura parecem estar de acordo na hipótese de que, através de uma tal deflexão (*Ablenkung*) de forças pulsionais sexuais de metas sexuais e redirecionamento (*Hinlenkung*) a novas metas, um processo que merece o nome de *sublimação*, são adquiridos poderosos componentes para todos as proezas culturais” (FREUD, 1905/1999, p. 79)<sup>12</sup>. Nesse processo, tem-se uma espécie de escoamento energético: as forças pulsionais seguem a princípio uma direção (*Lenkung*) rumo à meta unívoca de descarga e obtenção de prazer; a sublimação parte então de um desvio (*Ab-lenkung*), desembocando num redirecionamento (*Hin-lenkung*) para outras metas. Fundamental é notar aqui que a energia, que perseguiu *metas sexuais*, é reorientada a metas alheias ao campo sexual. Essa alteração qualitativa da meta pulsional é asseverada explicitamente no *Mal-estar na cultura*, onde Freud, ao falar da “*sublimação* (das metas pulsionais)”, afirma que “a sublimação pulsional (*Triebsublimierung*) é um traço de

---

12 „Die Kulturhistoriker scheinen einig in der Annahme, daß durch solche Ablenkung sexueller Triebkräfte von sexuellen Zielen und Hinlenkung auf neue Ziele, ein Prozeß, der den Namen *Sublimierung* verdient, mächtige Komponenten für alle kulturellen Leistungen gewonnen werden“.

especial destaque no desenvolvimento cultural, ela torna possível que as atividades psíquicas superiores (as científicas, artísticas, ideológicas) desempenhem um papel tão significativo na vida cultural”<sup>13</sup> (FREUD, 1930/1999, p. 457).

Sublimar uma pulsão não implica, pois, sublimá-la por inteiro, mas sim modificar sua meta, que de *sexual* se torna *dessexualizada*. Ainda no *Mal-estar*, para se referir à beleza (fator cultural tão importante, cuja origem anímica é a sublimação), Freud utiliza a expressão “moção de meta inibida” (*zielgehemmte Regung*) (FREUD, 1930/1999, p. 442), e em 1923 se emprega o seguinte sintagma: “uma dessexualização (*Desexualisierung*) [...], ou seja, uma espécie de sublimação”<sup>14</sup> (FREUD, 1923/1999, p. 258). É de se esperar, por conseguinte, que numa descrição mais detalhada da sublimação se encontrem expostas suas relações com a pulsão sexual e com o processo defensivo ao qual a sexualidade tem necessariamente de submeter-se, qual seja, a repressão.

É o que encontramos no texto de 1910 sobre Leonardo da Vinci. Ao discorrer sobre as investigações sexuais infantis, Freud afirma que a “pulsão de investigar” pode sofrer o mesmo destino da sexualidade: ou passa por repressões e, por isso, acaba por tornar-se inibida e atrofiada ou, numa segunda possibilidade, o pensar reemerge sexualizado e compartilha dos afetos a que estão fadados os processos sexuais (o prazer e a angústia, por exemplo). Há, contudo, uma terceira via, muito mais proveitosa, e

---

13 “Die Tribsublimierung ist ein besonders hervorstechender Zug der Kulturentwicklung, sie macht es möglich, daß höhere psychische Tätigkeiten, wissenschaftliche, künstlerische, ideologische, eine so bedeutsame Rolle im Kulturleben spielen“.

14 „Eine Desexualisierung [...], also eine Art von Sublimierung“.

nela a sublimação exerce um papel preponderante. Leiamos o trecho em questão:

O terceiro tipo, mais raro e mais perfeito (*vollkommenste*), graças a uma disposição especial, escapa tanto à inibição do pensamento quanto à compulsão neurótica ao pensamento. Sem dúvida a repressão sexual intervém também aqui, porém ela não consegue rechaçar uma pulsão parcial do prazer sexual em direção ao inconsciente, mas a libido escapa ao destino da repressão ao sublimar-se desde o início em ânsia de saber (FREUD, 1910/1999, p. 147-148)<sup>15</sup>.

É com tal processo (“sublimação no lugar da irrupção desde o inconsciente”) que “não tem lugar a ligação aos complexos originários da investigação sexual infantil, e a pulsão pode ativar-se livremente, a serviço do interesse intelectual”<sup>16</sup> (FREUD, 1910/1999, p. 148). A sublimação é, portanto, uma espécie de *libertação* da pulsão das suas amarras sexuais, e isso se faz precisamente com a evitação da repressão.

Originada na sexualidade, a sublimação redireciona a libido, cuja consecução é desviada e “libertada” do campo sexual. Como afirmou Livet, o desejo em Freud implica uma forma de *trabalho* (o trabalho do inconsciente, ilustrado pela *Traumarbeit* notívaga), ao passo que o trabalho sublimatório caminha em outra direção (LIVET, 1976, p. 27). Trata-se de um trabalho em certa medida oposto ao trabalho espontâneo da alma, pois

---

15 “Der dritte, seltenste und vollkommenste, Typus entgeht kraft besonderer Anlage der Denkhemmung wie dem neurotischen Denkwang. Die Sexualverdrängung tritt zwar auch hier ein, aber es gelingt ihr nicht, einen Partialtrieb der Sexuellust ins Unbewußte zu weisen, sondern die Libido entzieht sich dem Schicksal der Verdrängung, indem sie sich von Anfang an in Wißbegierde sublimiert“.

16 „Sublimierung an Stelle des Durchbruchs aus dem Unbewußten“, e „...die Gebundenheit an die ursprünglichen Komplexe der infantilen Sexualforschung entfällt, und der Trieb kann sich frei im Dienste des intellektuellen Interesses betätigen“

que dessexualizado. É no texto sobre Leonardo que poderemos entrever melhor que relações entretém o conceito de sublimação com o desejo freudiano, tal qual o descrevemos precedentemente.

### **3. Perfeição e diferença sexual no *Leonardo***

Embora em Freud haja uma recusa peremptória de uma pulsão de aperfeiçoamento (*Vervollkommnungstrieb*), como mostra Weigel (2012, p. 51), é justamente da perfeição (*Vollkommenheit*) que se trata nalgumas passagens do ensaio de Freud sobre Leonardo da Vinci. Como já vimos abaixo, ao dizer da sublimação como um terceiro caminho, o adjetivo empregado para caracterizá-la é muito precisamente “perfeito” no superlativo (*vollkommenste*). O termo alemão advém da aposição do prefixo *voll-* (pleno, total) ao verbo *kommen* (vir, chegar) – refere-se, pois, a algo que chegou a termo, que se concretizou completamente, sem arestas ou lacunas. De fato, o vocábulo *vollkommen* pode significar “inteiro”, “completo” ou “perfeito”, sendo por vezes utilizado enquanto advérbio, com o sentido de “completamente”. *Vollkommen* é, portanto, justamente o *oposto* do desejo: este é eminentemente *unvollkommen*, imperfeito, incompleto, para se realizar tem de fazê-lo às metades, e é por ser a perfeição inatingível que o organismo segue em sua marcha diuturna.

Tampouco aos artistas Freud poupa o atributo da imperfeição. Longe de aderir a um possível ideal dos artistas enquanto seres superiores, Freud aproxima a criação estética do brincar infantil e do fantasiar do adulto (FREUD, 1908b/1999), e com isso acaba por rebaixar o ofício ar-

tístico, destituindo-o de uma possível alteza etérea. Também no *Leonardo* algo similar é feito: analisar um artista de tal monta como da Vinci pode atrair a indignação de certos leitores, avisa Freud, pois eles se furtam a enxergar nos grandes homens qualquer “resto de fraqueza ou imperfeição (*Unvollkommenheit*) humanas”<sup>17</sup> (FREUD, 1910/1999, p. 202), coisa que a pesquisa analítica acaba por fazer. O ensaio se abre, entretanto, com palavras algo diversas: logo em seu parágrafo de abertura se lê que, ao abordar um dos “grandes da humanidade”, não dá nenhuma satisfação à investigação psicanalítica “diminuir a distância entre aquela perfeição (*Vollkommenheit*) e a insuficiência dos seus objetos habituais”<sup>18</sup> (FREUD, 1910/1999, p. 128).

Ninguém é grandioso o suficiente para escapar às leis que regem o funcionamento anímico dos homens, conclui Freud, nem mesmo os mais magníficos espécimes humanos. A análise da memória de infância de da Vinci percorre uma trilha bem cara à metodologia freudiana: parte de detalhes, de lapsos e de repetições a fim de captar o reprimido. É aí que aparecem as imperfeições do homem Leonardo: na sua aversão ao ato sexual, na sua afeição extremada com a mãe, na ocasião da morte do pai. Mas Leonardo não é um caso qualquer: em verdade, é na “sua capacidade extraordinária para a sublimação das pulsões primitivas”<sup>19</sup> (FREUD, 1910/1999, p. 209) que recai a atenção freudiana. Baseando-se nas biografias do pintor, Freud afirma: “à luz desses testemunhos ele nos parece, então, como

---

17 „...dulden an ihm keinen Rest von menschlicher Schwäche oder Unvollkommenheit...“.

18 „Es bereitet ihr keine Befriedigung, den Abstand zwischen jener Vollkommenheit und der Unzulänglichkeit ihrer gewöhnlichen Objekte zu verringern“.

19 „... seine außerordentliche Fähigkeit zur Sublimierung der primitiven Triebe“.

um homem cuja necessidade e atividade sexual era extraordinariamente reduzida, como se uma aspiração superior o houvesse elevado acima da universal necessidade animal dos homens”<sup>20</sup> (FREUD, 1910/1999, p. 171). E ao longo do ensaio, apesar dos poucos pontos cegos a partir dos quais Freud captura sentimentos sufocados e vestígios da atividade sexual de Leonardo, sobressai também, por outro lado, a espantosa aptidão de da Vinci para “as atividades superiores, as tarefas intelectuais, científicas e artísticas”<sup>21</sup> (FREUD, 1930/1999, p. 453). Leonardo é considerado por Freud como um “exemplo do funcionamento psíquico do gênio” e “um modelo de artista que reconcilia os princípios de prazer e de realidade” (NAMBA, 2020, p. 186); ele é, portanto, um homem de certa forma magnânimo, deveras apto à pesquisa intelectual, ao afazer artístico; em suma: à sublimação, mas de quando em quando (e era isso que importava à escavação analítica) suas moções pulsionais não podiam ser sublimadas e transpareciam em detalhes desapercibidos ou lapsos aparentemente insignificantes. Entre a difícil *Vollkommenheit* e a *Unvollkommenheit* universal, eis a posição de da Vinci.

*Vollkommen*, portanto, mas não *totalmente*. Se Leonardo no geral parece erguer-se acima da “necessidade animal” que rege a vida de cada homem, essa mesma animalidade é o que assoma nos momentos de descontrole. Com o caso do mestre renascentista (caso extremo, de toda

---

20 „Im Lichte dieser Überlieferungen erscheint er uns also als ein Mann, dessen sexuelle Bedürftigkeit und Aktivität außerordentlich herabgesetzt war, als hätte ein höheres Streben ihn über die gemeine animalische Not der Menschen erhoben“.

21 „... der höheren psychischen Tätigkeiten, der intellektuellen, wissenschaftlichen und künstlerischen Leistungen...“.

forma), a análise de Freud deixa entrever que uma completa dessexualização da pulsão sexual é, no limite, impossível. E, afinal de contas, como se lê no *Mal-estar na cultura*, as satisfações sublimatórias são insuficientes, visto que “elas não abalam a nossa corporeidade”<sup>22</sup> (FREUD, 1930/1999, p. 438).

Assim, não é à pessoa do artista que se afixam palavras do léxico *vollkomm-*, mas sim às suas *obras*. Freud faz remontar à ligação descomedida com a mãe a suposta homossexualidade de da Vinci e seu *desejo* de reviver, com seus jovens aprendizes, o amor que recebera da mãe quando criança. Mas, mais que isso, nos sorrisos enigmáticos de suas pinturas Freud desvela o sorriso da mãe. A Leonardo é vetado (*verbot*) desfrutar dos carinhos que os lábios maternos lhe haviam outrora concedido, é-lhe proibido procurar noutros lábios feminis o sorriso materno que o encantara (FREUD, 1910/1999, p. 189). O que faz ele então? Cuida de reproduzi-lo em seus quadros. Esse sorriso reaparece em diferentes retratos, em especial na Gioconda. Freud se detém bastante no célebre retrato e, para resumir o que tantos homens falaram sobre ele, atesta: “eles discernem no jogo facial da bela florentina a mais perfeita figuração (*die vollkommenste Darstellung*) dos opostos que dominam a vida amorosa da mulher, a reserva e a sedução, a ternura devocional e a sensualidade desconsideradamente ávida, que consome o homem como algo estranho”<sup>23</sup>. Em

---

22 “Sie erschüttern nicht unsere Leiblichkeit”.

23 „Sie erblicken darum in dem Mienenspiel der schönen Florentinerin die vollkommenste Darstellung der Gegensätze, die das Liebesleben des Weibes beherrschen, der Reserve und der Verführung, der hingebungsvollen Zärtlichkeit und der rücksichtslos heischenden, den Mann wie etwas Fremdes verzehrenden Sinnlichkeit“.

diversos momentos da obra freudiana se apresenta a dualidade, o mais das vezes inconciliável na realidade material, entre ternura e sensualidade<sup>24</sup>, mas eis que é numa representação estética, isto é, sublimada, que desejos incompatíveis entre si se encontram figurados com sucesso. A solução particular é dada pelo próprio Da Vinci, que afirma que “nenhuma coisa pode ser amada nem odiada se antes não se tem cognição dela” (citado por FREUD, 1910/1999, p. 140). Ou seja, ao se aproximar apaixonadamente dos objetos a serem retratados, ele os sublima desde a origem, por via do conhecimento, para em seguida figurá-los em seus quadros utilizando uma libido transformada, já dessexualizada.

Caracterização similar é concedida a outros quadros de Leonardo, pinturas com ares místicos habitadas por figuras andróginas (*mannweiblich*). Também esses seres misteriosos portam o sorriso enigmático; na descrição que lhes presta Freud reencontramos a dualidade sexual que encontramos como limite ao desejo:

Elas não abaixam os olhos, mas olham misteriosamente triunfantes, como se soubessem de um êxito venturoso (*Glückserfolg*) sobre o qual é preciso calar-se; o conhecido sorriso cativante deixa suspeitar que se trata de um segredo amoroso. É possível que Leonardo tenha negado (*verleugnet*) nessas figuras a desventura (*Unglück*) de sua vida amorosa e a tenha superado, ao figurar, em tal beatífica união da essência masculina com a feminina, a realização de desejo (*Wunscherfüllung*) do garoto fascinado pela mãe (FREUD, 1910/1999, p. 189).<sup>25</sup>

24 Cf., por exemplo, certos trechos dos Três ensaios onde o assunto é tratado com maior minudência (FREUD, 1905/1999 p. 101 e 108).

25 „Sie schlagen die Augen nicht nieder, sondern blicken geheimnisvoll triumphierend, als wüßten sie von einem großen Glückserfolg, von dem man schweigen muß; das bekannte bertückende Lächeln läßt ahnen, daß es ein Liebesgeheimnis ist. Möglich, daß Leonardo in diesen Gestalten das Unglück seines Liebeslebens verleugnet und künstlerisch überwunden hat, indem er die Wunscherfüllung des von der Mutter betörten Knaben in solch

Fundamental aqui é notar o movimento argumentativo de Freud: nas figuras retratadas ele pressente um êxito venturoso, uma *felicidade* (*Glück*) consumada; essa felicidade é precisamente a *negação* da desventura, da *infelicidade* (*Unglück*) amorosa anterior; esse infortúnio se pautava precisamente na impossibilidade de reencontrar o sorriso cativante da mãe, para sempre perdido. Na desventura (*Un-glück*) há a marca da negação do desejo, e é por meio de uma *segunda negação* que Leonardo atinge um novo positivo; ao fazê-lo, ele *supera* essa negação primária e realiza o desejo infantil nas unidades representacionais que são os quadros.

É aqui que desponta o grande diferencial da sublimação, na medida em que com ela se alcança uma completude somente numa dimensão ontológica muito específica: na *representação*. É o que nota Roussillon: diz ele que, se há inibição da meta pulsional, é porque a pulsão “toma então a representação como novo objeto”<sup>26</sup> (ROUSSILLON, 2005, p. 1568). Nós víamos que o circuito do desejo se ancora eminentemente no domínio *representacional*: desejar, para Freud, é procurar reativar determinadas *representações*. Na sublimação, por conseguinte, a pulsão segue um destino similar ao da repressão, na medida em que ela está ainda cerceada pela representação. Escapando, contudo, à repressão e à sua lógica, ao ser sublimada a pulsão ganha novos atributos: ela se torna *criadora*. “Quando a pulsão toma a representação como objeto, ela se torna por sua vez ‘produtora’ de objeto, ela conduz a dar uma forma materializada à representação, como no jogo ou na atividade artística ou artesã”, aponta Roussillon,

---

seliger Vereinigung von männlichem und weiblichem Wesen darstellte.

26 « ... c’est que la pulsion prend alors la représentation comme nouvel objet ».

que continua: “tomar a representação como objeto é também transformar a representação em um objeto, em um objeto materializado, um objeto perceptível, concretizado, o que não muda sua natureza representativa, mas muda seu estatuto psíquico”<sup>27</sup> (ROUSSILLON, 2005, p. 1568).

Pode-se notar, então, até onde a realização alucinatória de desejo e a sublimação são aparentadas: em ambas a representação é o objeto da pulsão. Mas a sublimação, com efeito, é o oposto da alucinação primária, na medida em que, naquela, a sobreposição entre percepção e representação desta deve ser abdicada. Tudo se centra, pois, na relação entre ação e representação. A alucinação não cria, mas somente repete; a sublimação repete criando. A sublimação, como já havíamos adiantado, é um *trabalho*, um trabalho anímico muito específico, que possui um parentesco estreito com o trabalho onírico, por exemplo, na medida em que processa e elabora, numa nova cena, o desejo impossível e incontentável. Mas tudo indica ser possível atingir na sublimação uma espécie de *perfeição* ou *completude* que falta impreterivelmente às satisfações substitutivas do sonho e do sintoma: na sublimação apenas a representação é investida de energia pulsional, cuja meta foi entrementes dessexualizada. É como se o organismo abdicasse, nesse campo não-sexual da sua atuação, à realização corpórea, em carne e osso, dos seus desejos, e se contentasse então com uma realização puramente ideal ou representacional; ao mesmo tempo o

---

27 « Quand la pulsion prend la représentation comme objet, elle devient à son tour « productrice » d’objet, elle conduit à donner une forme matérialisée à la représentation, comme dans le jeu ou l’activité artistique ou artisanale. Prendre la représentation comme objet, c’est aussi transformer la représentation en un objet, en un objet matérialisé, un objet perceptible, concretisé, ce qui ne change pas sa nature représentative mais change son statut psychique ».

desejo não investe os órgãos da percepção, realizando-se em objetos alucinatórios, mas sim faz que se *fabriquem* novos objetos.

A sublimação não abala a nossa corporeidade, como afirmou Freud, mas com ela se delega ao puramente representacional aquilo que, na união inextricável entre alma e corpo, entre representação e energia, era inconciliável e que não gerava senão malogros e falhanços. O sublime parece ser, em Freud, o único domínio em que uma espécie de *Vollkommenheit* é alcançável pelo *desejo*; quando ancorado no sexual e restringido à lógica da repressão, lógica primeira na qual se baseia seu circuito, ele está fadado às suas sucessivas meias satisfações. A repressão não dessexualiza a meta da pulsão, ela apenas repudia da consciência representações importunas e obriga a energia pulsional, doravante desjungida dessas mesmas representações, a buscar satisfação em outras. Donde a infinitude do circuito do desejo. Atingir uma completude é, nesse estado de coisas, algo plenamente inatingível. É só ao dessexualizar a meta pulsional que o desejo pode alcançar uma espécie de perfeição – esta, porém, se torna limitada ao plano *puramente representacional*. É como se o artista freudiano fosse, por fim, um Pigmaleão às avessas: ele não esculpe uma estátua, por ela se apaixona e roga por que o mármore ganhe vida; ele ama e deseja e, em seguida, tem de contentar-se com inúmeras estátuas cuja carne nunca poderá tocar e de cujos suspiros nunca poderá gozar.

## **Referências Bibliográficas**

FREUD, Sigmund. Die Traumdeutung. In: Gesammelte Werke, Band 2-3, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1900/1999.

\_\_\_\_\_. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: Gesammelte Werke, Band 5, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1905/1999, p. 27-145

\_\_\_\_\_. Über infantile Sexualtheorien. In: Gesammelte Werke, Band 7, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1908a/1999, p. 171-188

\_\_\_\_\_. Der Dichter und das Phantasieren. In: Gesammelte Werke, Band 7, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1908b/1999, p. 211-223

\_\_\_\_\_. Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. In: Gesammelte Werke, Band 8, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1910/1999, p. 128-211

\_\_\_\_\_. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychisches Geschehens. In: Gesammelte Werke, Band 8. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1911/1999, p. 229-238

\_\_\_\_\_. Triebe und Tribschicksale. In: Gesammelte Werke, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1915a/1999, p. 209-232

\_\_\_\_\_. Die Verdrängung. In: Gesammelte Werke, Band 10. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1915b/1999, p. 247-261

\_\_\_\_\_. Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In: Gesammelte Werke, Band 12. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1914 [1918]/1999, p. 27-157

\_\_\_\_\_. Jenseits des Lustprinzips. In: Gesammelte Werke, Band 13. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1920/1999, p. 1-69

\_\_\_\_\_. Das Ich und das Es In: Gesammelte Werke, Band 13. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1923/1999, p. 235-289

\_\_\_\_\_. Das Unbehagen in der Kultur. In: Gesammelte Werke, Band 14. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1930/1999, p. 419-506

\_\_\_\_\_. Die Ichspaltung im Abwehrvorgang. In: Gesammelte Werke, Band 17. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1938/1999, p. 59-62

HANNS, Luiz. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jaques. Discours aux catholiques. In: Le Triomphe de la Religion. Paris : Éditions du Seuil, 1960/2005, p. 9-65

LAPLANCHE, J. Vida e morte em psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985

LIVET, Pierre. Entre Platon et Freud : le travail du désir. Les Études philosophiques, Paris, numéro 1, p. 13-28, 1976

MÈLICH, Joan Carles. « Anthropos » i « agressivitat » en el primer Freud. Enrahonar, Barcelona, vol. 14, p. 95-108, 1988

MORA, Enrico & GARCIA, Gina. Un mapa conceptual del procés primari i secundari de l'aparell psíquic. Intercanvis, Barcelona, vol. 36, p. 74-81, 2016

NAMBA, Janaina. Expressão e Linguagem: aspectos da teoria freudiana. São Paulo: Blucher, 2020.

RICŒUR, Paul. De l'interprétation. Paris : Editions du Seuil, 1965/2006

ROUSSILLON, René. Le processus et la capacité sublimatoire. Revue Française de Psychanalyse, Paris, vol. 69, numéro 5, p. 1565-1573

SIMANKE, Richard Theisen. A formação da teoria freudiana das psicoses. São Paulo: Edições Loyola, 2009

Pedro Fernandez de Souza  
Janaina Namba

WEIGEL, Sigrid. Jenseits des Todestriebs: Freuds Lebenswissenschaft an der Schwelle von Natur- und Kulturwissenschaft. KulturPoetik, Göttingen, Bd. 12, H. 1, 2012, p. 41-57